

*Não Amaram  
as Suas  
Vidas*

Eles o venceram pelo sangue  
do Cordeiro e pela palavra  
de seu testemunho;  
**não amaram as  
suas vidas  
até à morte.**  
—Apocalipse 12:11

Ouvistes que foi dito:  
Amarás o teu próximo,  
e odiarás o teu inimigo.  
Eu, porém, vos digo:  
Amai a vossos inimigos e orai  
pelos que vos perseguem,  
para que sejais filhos do vosso Pai  
que está nos céus...  
Se amardes os que vos amam,  
que recompensa tereis?...  
Sede vós, pois, perfeitos,  
como perfeito é o vosso Pai  
que está nos céus.  
—Mateus 5:43-48

*Não Amaram  
as Suas  
Vidas*

Por  
Nicholas Stoltzfus

Tradução  
Charles David Becker

Literatura Monte Sião  
Caixa Postal 241  
18550-970 Boituva - SP

Fone: 015 3264 1402

[www.lmsdobrasil.com.br](http://www.lmsdobrasil.com.br)

e-mail: [info@lmsdobrasil.com.br](mailto:info@lmsdobrasil.com.br)

2009

**Não Amaram as Suas Vidas**

foi publicado originalmente no inglês sob o título

**Worth Dying For** ©1964

Por Pathway Publishers

e traduzido para o português pela

Publicadora Menonita

C.P. 105

75901-970 Rio Verde – GO

com autorização expressa e exclusiva da

Pathway Publishers

**RESERVADOS TODOS OS DIREITOS**

Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma — seja mecânico, eletrônico ou mediante fotocópia, gravação, etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da Publicadora Menonita.

Esta edição de Não Amaram as Suas Vidas foi publicada pela

Literatura Monte Sião

com autorização expressa da

Publicadora Menonita

## *Índice*

Introdução do autor	9
Um dia agitado	13
Salvo por Nanny	23
Deus toma	31
Uma visita inesperada	43
Planos que fracassaram	49
A conspiração de homens maus	55
Clyde Jeanviller	61
É Deus quem dá	67
As provações de Perry	75
Almas ganhas para o reino	83
O fim da guerra	87
Procurando a luz	93
O culto dos valdenses	101
Jim atravessa a montanha	109
Alegrias e tristezas	113
Novos na fé	123
A saída dos Dobbersten	131

Um covil de assaltantes	135
Uma terra estranha	145
Voltando para casa	151
Informações inquietantes	157
Aguando as plantas	161
Rompe a tempestade	165
A Viagem	173
Os últimos dias de Perry	183
Ó último convite	207
Sofrendo na montanha	211
Fim da jornada	217
Uma casa na montanha	227
As riquezas do mundo	235
Chega o inverno de novo	247
Enviando a luz	257
A volta de Jim	263
No caminho errado	275
Os anos passam	287
O que Deus uniu	293
Outra responsabilidade	299
Uma nova aurora	309

## *Introdução do autor*

Há muitos anos, enquanto ainda rapaz, li o livro *Pierre and His Family* [*Pierre e Sua Família*]. Era um livro muito antigo e havia algumas páginas faltando. Por mais que procurasse depois, nunca consegui encontrar outra cópia desta obra. A história que contamos aqui é baseada nos fatos daquele livro que eu guardei em minha memória. Muitos detalhes foram acrescentados para elucidar certos pontos da sua fé, que nós acreditamos tenha sido semelhante à dos anabatistas.

Acreditamos que esta história esteja baseada em fatos, e no entanto queremos deixar claro que alguns dos detalhes possivelmente nunca aconteceram. Se alguém se colocar contra este estilo literário, gostaríamos de dizer que até na Bíblia muitas verdades são apresentadas através de parábolas ou alegorias. Jesus chamou os fariseus de víboras, quando na realidade eram seres humanos e não serpentes. O rei Herodes tampouco era uma raposa, falando em termos literais. Em Juízes 9:8-15 lemos que as árvores falavam. A finalidade disso não era de enganar, mas sim de enfatizar uma verdade.

Nós da mesma forma procuramos nas páginas que seguem, apresentar algumas verdades bíblicas através de uma história. John Bunyan escreveu uma das maiores alegorias de todos os tempos, em seu livro *O Peregrino*. Sem dúvida muitas almas foram ganhas

para o reino mediante as verdades espirituais ensinadas em sua obra. Seus escritos apresentam estas verdades de uma forma tão poderosa, que é difícil acreditar que não foi uma força superior quem guiou sua caneta.

Nós também esperamos que as almas famintas encontrem nutrimento espiritual nestas páginas. Para quem anda sem fome, elas terão pouco valor.

Se alguém pensar que fomos injustos com os católicos, aconselhamos que leia *The Martyrs Mirror* ou *The Complete Works of Menno Simons*, para ver o que os cristãos primitivos e os anabatistas sofreram nas mãos deste povo.

Há quem diga que a Bíblia é o único livro necessário para nos instruir na fé. É verdade que a Bíblia deve ser o fundamento de todas as nossas admoestações, mas somos instruídos a admoestar uns aos outros todos os dias para que o nosso coração não seja endurecido pelo engano do pecado (leia Hebreus 3:13). Encontramos muitos exemplos também de como os cristãos primitivos se admoestavam por escrito.

Todo dom perfeito é lá do alto. Que o nome de Deus seja glorificado por esta obra. Foi a ele que oramos, pedindo a sua ajuda para saber o que escrever.

Esperamos que este livro contribua, pelo menos um pouco, para que os menonitas conheçam melhor a fé de seus antepassados, as provações que passaram, a sua paciência e a vitória que tiveram sobre o pecado. Podemos comparar suas vidas simples e diligentes com a vida moderna, quando tanto tempo e dinheiro são dedicados às diversões e uma vida luxuosa, às casas e aos bens materiais. O nosso corpo natural não passa necessidade de nada, mas muitas vezes a alma passa fome. As muitas atividades da vida moderna podem fazer com que nos esqueçamos dos princípios básicos da fé, que é de ganhar almas e mantê-las salvas, para

que possam sair e produzir muito fruto, sendo fiéis até o fim.

“Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida” (Apocalipse 2:10).

—N.S.



## Capítulo 1

### *Um dia agitado*

**D**e repente alguém começou a soluçar no quarto. Nancy Fleming continuou mexendo a sopa que ela fazia no fogão. Se a deixasse agora, queimaria. Isto lhe deu alguns instantes para fazer uma oração silenciosa. Ela aprendera a confiar no Senhor, mesmo nas situações mais difíceis. O que será que seus dois filhos estavam tendo agora? Normalmente eram crianças alegres, cheias de energia.

Devagarzinho a porta abriu e os meninos entraram. De início não viram a mãe, que mexia a sopa no fogão. Hubert abraçava a irmã, tentando consolá-la. Bastava uma olhada para ver que ele próprio quase chorava também.

Quietinha a mãe se aproximou deles e perguntou:

— Filhos, o que houve? Estão chorando.

Embora sendo um ano e três meses mais velha do que o irmão, Gertrude era menos robusta e mais emotiva. Ela deixou que o irmão explicasse o problema.

Hubert, solidário com a irmã para ela não sentir que só ela era responsável pelo choro, disse:

— Estávamos pensando que seria tão bom se Papai voltasse para casa novamente. Faz muito tempo que a gente não o vê.

Nancy sentiu uma dor aguda ao virar para não ter que olhar no rosto de seus filhos. Reconhecendo que eles estavam passando por momentos difíceis, a mãe

abafou a sua própria tristeza e com sabedoria materna respondeu:

— Meus queridos filhos, fico feliz pelo amor que têm por seu pai. Este é o amor que Deus coloca no coração humano. Mas lemos sobre pessoas que se afastam tanto de Deus que chegam a perder o seu amor natural. Devido à sua natureza pecaminosa, alguns filhos preferem não serem corrigidos ou repreendidos pelos pais, escolhendo antes fugir deles. Em alguns casos chegam a odiar aqueles que mais os amam neste mundo.

Quando parou de falar para recuperar o fôlego, percebeu que estava menos nervosa. A sua voz tranquilizara não apenas os filhos, mas a ela também.

— Como eu disse, fico feliz porque vocês sentem a falta de seu pai e que ainda o amam. Mas, sabendo que Deus nunca erra, que faz tudo por amor, temos que esperar que ele nos ajude. Talvez neste mesmo instante seu querido pai esteja falando sobre o caminho da salvação para algum soldado. Se for possível apenas uma alma se salvar, devemos estar dispostos a ficarmos separados durante algum tempo. Devemos dar graças a Deus que nós ainda podemos estar juntos. Talvez nós vamos amar Papai mais ainda quando ele voltar.

Os filhos imediatamente ficaram mais alegres. Abraçaram a mãe e deram-lhe beijos carinhosos. Aí os dois irmãos saíram para ajudar a fazer o café da manhã, buscar lenha, tirar leite das cabras e dar comida para as galinhas.

Como todos os filhos dos valdenses, Hubert e Gertrude sabiam trabalhar, não por obrigação, mas por prazer. Davam graças a Deus por este privilégio. Gertrude estava com quase 15 anos. Hubert estava com 13. Já fazia três meses que Papai estava ausente e eram eles que faziam o serviço. Havia pouco tempo para brincar. Todos os dias tinham que vigiar o pequeno rebanho de ovelhas e cabras enquanto pastavam nas escarpas das monta-

nhas. Naqueles dias não havia cercas. Apenas havia um curral de madeira roliça perto da casa onde as ovelhas pousavam à noite.

O café da manhã logo saiu. Era mingau feito de cereal em grão, pão caseiro, leite de cabra à vontade e algumas verduras da horta. Havia pouca variedade em suas refeições. Quando o rebanho pastava perto de um ribeirão, às vezes os meninos pescavam e levavam para casa alguns peixes para o jantar.

Hoje os meninos estavam animadíssimos. O vento soprava do sul, sinal de que o dia seria bom para pescar. Os dois irmãos levaram suas varas e um pouco de isca ao saírem de casa com as ovelhas. Sua mãe chamou:

— Por favor, tenham muito cuidado. O rio é fundo. Não se esqueçam de cuidar bem das ovelhas.

— Vamos ter cuidado, sim..

— Por que será que Mamãe sempre se preocupa com a gente e com as ovelhas? — perguntou Gertrude, como se estivesse pensando em voz alta. Acrescentou:

— Faz vários anos que não vemos nem um lobo por aqui.

Ainda pensando nos peixes que queria pescar, Hubert disse:

— Vamos para aquela montanha ali. Podemos deixar as ovelhas nas encostas da montanha enquanto pescamos no vale.

Não estava bom para pescar como haviam pensado. Hubert, junto com Shep, o cachorro collie, foram até onde as ovelhas estavam pastando. Encontrou-as deitadas debaixo de um grande carvalho. Quando voltou ao ribeirão, Gertrude estava pulando. Ela gritava:

— Olhe! Olhe só! Olhe os peixões. Agora sim, dá para pegar peixe.

Hubert jogou seu anzol na água. Logo pegou um peixe. Depois outro e outro. Os dois irmãos ficaram tão animados com os peixes que pegavam que acabaram

se esquecendo das ovelhas. Shep deitou-se na sombra e tirou uma soneca. Foi por isso que ninguém ouviu quando os sininhos que as ovelhas usavam no pescoço começaram a tocar vigorosamente.

Um marimbondo passou perto da cabeça de Gertrude. Ela puxou sua touca até tapar os olhos e ficou quieta. Aí o marimbondo assentou no focinho de Shep e o ferrou. Shep acordou assustado. Imediatamente ele percebeu que alguma coisa não estava certa. Do fundo do seu peito saiu um rosnado enquanto corria para onde as ovelhas estavam.

— Oh! as ovelhas! Algum bicho deve estar atrás delas!  
— exclamou Gertrude.

Os meninos deixaram tudo e foram correndo atrás de Shep, para o lugar onde haviam deixado as ovelhas. Quando chegaram, viram que estavam reunidas, as cinco cabras e os dois bodes estavam protegendo as ovelhas que estavam no meio da rodinha, dos lobos que as atacavam. Cinco grandes lobos montanhesees estavam atacando furiosamente, tentando alcançar uma das ovelhas.

Os meninos ainda estavam subindo a encosta quando viram um carneirinho, mostrando uma falta total de juízo, sair correndo da roda. Em questão de segundos seria derrubado pelos lobos.

Rosnando, o cachorro atacou os lobos, quase como se esperasse matá-los de susto. O assalto de Shep foi tão violento que os cinco lobos viraram para enfrentá-lo. No último instante, Shep parou, desafiando os lobos. Os bodes não perderam tempo. Vendo os lobos virados para o cachorro, investiram com seus grandes chifres. Jogaram dois lobos em cima dos outros. Com isso os lobos começaram a brigar entre si. Aproveitando a oportunidade, Shep conseguiu dar umas mordidas em dois deles.

Os meninos chegaram até o campo de batalha. Hubert esteve com seu pai uma vez quando dois lobos atacaram

o rebanho. Com grande calma, seu pai espantou os lobos com seu cajado. Hubert estava armado com seu estilingue. Muitas vezes ele havia imaginado como seria matar um lobo a estilingadas.

Os meninos haviam aprendido desde pequenos que deviam confiar no Senhor e não em armas. Fizeram uma pequena oração silenciosa, pedindo a ajuda de Deus. Aí Hubert começou a jogar pedras lisas nos lobos com seu estilingue. Embora não tão prático quanto o pastor Davi, conseguiu dar pedradas em dois dos lobos. Estes se assustaram e viraram, arreganhando os dentes.

Assustados pelas chifradas dos bodes e as mordidas de Shep, alguns dos lobos resolveram desistir da briga. Viraram as costas e foram embora. Os meninos se animaram a aproximar-se mais e ajudar Shep. Vendo os dois irmãos tão perto, dois dos lobos resolveram investir neles. Hubert mirou no primeiro, mas a pedra errou o alvo. No entanto, o segundo lobo levou uma pedrada bem na testa, fazendo-o girar e sair correndo. O primeiro lobo agora estava tão perto que Hubert não podia mais usar seu estilingue. Gertrude escondeu-se atrás dele. Desceu o pau que tinha na mão no focinho do lobo, no mesmo instante em que ele fechou a boca na perna de Hubert. O lobo cambaleou.

Assim que o lobo tentou levantar-se, os dois bodes e Shep o cercaram. Juntando as chifradas dos bodes, as mordidas de Shep e as pauladas dos meninos, o lobo logo estava morto.

Hubert foi até o carneirinho machucado. Bastou uma olhada para ver que ele não tinha condições de sobreviver. Com sua faca, Hubert o sangrou. Se não o sangrasse, a carne não serviria para consumo humano.

Perry Fleming ensinara esta lição a seus filhos, usando como base o Antigo Testamento, onde Deus mandou que seu povo não comesse sangue. Este mandamento é repetido no Novo Testamento, em Atos 15:29.

Hubert uma vez perguntara a seu pai por que era proibido comer sangue.

Ele respondeu:

— Pode ser para nos lembrar que nós somos salvos pelo sangue precioso de Jesus. Ou pode ter sido para nos lembrar que devemos respeitar todas as criaturas que Deus fez. Todas as criaturas foram formadas da terra e o sangue representa a vida. Isto nós lemos em Levítico capítulo 17, versículo 11. É por isso que nós, valdenses não comemos sangue.

Shep tinha umas feridinhas. Os bodes também tinham uns poucos ferimentos. Uma das cabras fora atacada antes de Shep chegar e não conseguia andar. Hubert resolveu levar o rebanho para casa e deixar Gertrude e Shep vigiando a cabra machucada.

Hubert pediu:

— Fica bem aí. Logo, logo estarei aqui com Bruno e a carroça.

Logo depois que Hubert saiu, Gertrude lembrou-se dos peixes que pegaram. Haviam pescado pelo menos vinte. Saíram do ribeirão com tanta pressa que acabaram largando os peixes perto da água.

Gertrude pensou: “Como seria bom se tivéssemos os peixes, só que não quero voltar sozinha. Mas se eu deixá-los até Hubert voltar, será tarde demais”.

Ela sentou-se no chão e ficou pensando. Finalmente tomou uma decisão: iria buscar os peixes. Seria triste demais deixar tanta carne gostosa perder. Gertrude não era muito corajosa, mas não faria mal deixar a cabra machucada durante alguns minutos. Afinal, ela não conseguiria ir para lugar algum. Gertrude pegou o estilingue de seu irmão, e com Shep a seu lado, desceu a montanha até o ribeirão onde estavam os peixes. Ao chegar perto, viu um vulto avermelhado. Seu primeiro impulso foi de gritar.

“De certo os lobos acharam os peixes”, ela pensou.

“Mas não, parece mais com raposa”. O vento estava a seu favor. Ela e Shep foram se aproximando. Pisaram num galhinho que estalou. A raposa virou.

Gertrude estava pronta com o estilingue. A pedra pegou no pé da orelha. Sentindo grande dor, a raposa começou a dar voltinhas. Shep quase não aguentava mais ficar quieto. Agora, quando Gertrude deu a ordem, pulou em cima da raposa, segurando-a pela garganta. Dentro de pouco tempo a raposa estava morta.

Gertrude não sabia como levar a raposa e os peixes até onde a cabra estava. Mesmo sendo o mês de maio, época de calor, ela sabia que no tempo de frio poderiam aproveitar muito bem a pele da raposa e do lobo. Não havia fatura de roupas. As peles de animais eram transformadas em roupas ou em cobertores para usar nas camas.

Gertrude olhou a raposa e depois os peixes. Ela resolveu carregar os peixes e colocar a raposa nas costas de Shep. Mas Shep não gostou. Rosnou e jogou a raposa no chão. Ele não tinha o menor desejo de carregar um bicho fedorento desses nas costas. Gertrude continuou conversando com Shep até ele aceitar. Foi assim que voltaram pelo mato até o lugar onde a cabra estava.

Ao chegar perto, Gertrude viu dois dos lobos saindo do mato, aproximando-se da cabra. Shep deu uma rosnada das mais terríveis. Quando os lobos viram Shep com a raposa nas costas, acharam que se tratasse de um bicho enorme. Saíram correndo.

Gertrude e Shep foram até a cabra que lhes esperava com toda paciência. Ela fez uma pequena oração de gratidão ao Pai celestial por sua proteção. Mamãe iria ficar triste ao saber do carneirinho morto e a cabra machucada. Na realidade fora culpa deles, pois haviam sido negligentes em suas responsabilidades. Mesmo assim, Deus fora muito bom para com eles.

Gertrude se lembrou de como sua mãe muitas vezes lhe ensinara que mesmo sendo indignos das bênçãos de

Deus e merecedores do castigo eterno, ele nos dá tudo que precisamos para sermos salvos através de Cristo.

Gertrude viu que Shep estava esfregando o focinho com a mão. Ela foi olhar e viu que estava bem inchado. Ela colocou bastante barro no focinho dele. Não sabendo que o barro ajuda a tirar o veneno, Shep começou a tirá-lo. Gertrude pôs mais e o segurou com a mão até Shep se sentir melhor.

Neste instante ouviram um barulho estranho do lado norte. Gertrude e Shep pularam. Logo viram que era Hubert que vinha na carroça puxada por Bruno, o burrinho. Hubert estava com pressa. Queria voltar o mais rápido possível para que o vizinho, Roger Kleinard, o ajudasse a tirar o couro do carneiro e arrumar a carne. Hubert muitas vezes tirara o couro de lebres, mas uma ovelha era bem maior. Também, tinham que cuidar dos animais antes de escurecer. Lanternas, como as de hoje, eram desconhecidas naqueles tempos. E mesmo se existissem, não teriam dinheiro para comprar uma, pois eram muito pobres. Tinha que trabalhar muito apenas para ter um lugar para morar e comida para não passarem fome.

A maioria dos valdenses eram pobres. O pai de Hubert dissera que os ricos valorizavam demais a sua vida fácil para aceitarem uma cruz que lhes pudesse igualar aos valdenses. Hubert também lera no Novo Testamento que é principalmente os pobres que se dispõem a servir a Deus.

Hubert colocou os animais mortos na carroça, mas quando tentou carregar a cabra machucada, ela tentou pular de seus braços. Não queria ficar perto de um lobo, mesmo estando morto. Finalmente tiveram que vendar os olhos da cabra. Gertrude segurou sua cabeça em seu colo. Colocaram os peixes perto dela para não sentir o cheiro do lobo. Chegaram em casa um pouco depois do sol se esconder. Roger estava esperando. Num instante ele tirou o couro do carneiro e arrumou a carne.

Depois de tratar dos animais, sentaram-se à mesa para comer os peixes.

A mãe disse:

— Vocês tiveram um dia bastante agitado. Fico feliz que nada lhes aconteceu.

Gertrude respondeu:

— É um prejuízo perder uma ovelha, mas felizmente descobrimos os lobos logo depois que atacaram. Senão, poderiam ter matado outras ovelhas. Ainda bem que Hubert estava comigo. Não sei o que teria feito se estivesse sozinha.

Herbert comentou:

— E eu estava feliz porque Gertrude estava junto. Aquele lobão teria mordido a minha perna se ela não tivesse acertado um pau na cabeça dele.

A mãe acrescentou:

— Vocês dois são corajosos. É um prazer ter filhos como vocês. Precisamos dar graças a Deus porque ele os guardou durante o dia. A gente nunca sabe o que vai acontecer.

Depois que terminaram de jantar, os meninos ajudaram a lavar a louça. Hubert e Gertrude estavam cansadíssimos depois de um dia agitado. Quem não estava com sono era Antonnio, de seis anos. Ele não parava de fazer perguntas.

Ele perguntou:

— Por que Shep não matou o outro lobo? Ai poderia ter feito um cobertor para a minha cama também.

A irmã respondeu:

— Foi bom matar um lobo. Acredito que os outros não voltem mais... Pelo menos, espero que não voltem.

Hubert confirmou:

— Eles não devem voltar mais. Com a chegada do verão, os lobos vão deixando as alcatéias e começam a andar sozinhos. Aliás, dificilmente acontece dos lobos estarem juntos nesta época do ano.

Mamãe pediu:

— Lavem o rosto com água fria para não ficarem com sono durante as devoções.

A mãe leu um capítulo da Bíblia. Então todos se ajoelharam para orar. A oração foi especialmente fervorosa naquela noite, cheia de gratidão pela proteção e cuidado de Deus durante o dia.

Logo os filhos foram deitar. A mesa já estava posta para tomar o café no outro dia cedo. Nancy andou arrumando a pequena casa. Era o fim de um dia. Ninguém sabia como seria o dia de amanhã. E pensando bem, não era importante saber. Jesus não havia prometido estar com aqueles que o amam, com aqueles que o servem fielmente, até o fim dos séculos? Quando levaram Perry, parecia que era o fim. Mas ela aprendeu a viver um dia de cada vez. Era uma vida de muitas provações, isto sem dúvida, mas nem por isso deixou de ser uma vida de muito gozo, uma vida boa, com o coração transbordando de paz. Ela nunca imaginara que isto seria possível.

Antes de deitar, Nancy deu uma olhadinha em sua Bíblia. Folheando para Romanos capítulo 5, leu: “Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo... Nos gloriamos nas tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança. Ora, a esperança não traz confusão, porque o amor de Deus está derramado em nossos corações”.

As lágrimas começaram a brotar nos olhos de Nancy Fleming. Por que no passado ela chegara a duvidar da bondade e da sabedoria do Deus onisciente? Ele não estava provando seus filhos agora, assim como o ourives purifica o ouro? Quem sabe ainda havia muito barro no ouro e o Oleiro estava achando por bem fazer uma obra de purificação em sua vida. “Não a minha vontade, mas a tua, ó Senhor”, ela orou. Logo em seguida pegou num sono tranquilo.

## Capítulo 2

### *Salvo por Nanny*

O dia estava amanhecendo e Nancy já estava arrumando o café da manhã. Ela chamou os filhos. Eles responderam:

— Tá, Mãe — para em seguida virarem na cama e pegar no sono de novo. Isto foi estranho. Normalmente eles pulavam da cama assim que ela chamava.

“Estão cansados. Vou deixá-los descansar mais um pouco”, pensou Nancy.

Ao se levantarem, poderiam ajudá-la a picar a carne da ovelha que o lobo matara no dia anterior. Aí, lá para as 10:30, Hubert poderia sair com o rebanho e Gertrude levaria Bruno, o burrinho, e a carrocinha para entregar um pouco de carne a umas famílias pobres. Esta carne seria mandada principalmente às famílias valdenses, mas havia umas poucas famílias católicas pobres que também ganhariam um pedaço. Normalmente eles não iam a estas casas durante o dia. Os líderes católicos odiavam tanto os valdenses, que se estes fossem vistos nas casas de seus paroquianos, poderiam muito bem começar a perseguir seus próprios irmãos. Por seu espírito caridoso e por sua disposição de falar com os vizinhos sobre as coisas de Deus, os valdenses deixavam um bom testemunho. Através do contato que mantinham com os vizinhos, vários resolveram aceitar a sua fé.

Devido à pobreza da população e ao fato de não existirem gráficas na região, os valdenses não podiam distri-

buir Bíblias e outras literaturas cristãs. Era por isso que copiavam trechos da Bíblia à mão. Estes escritos, laboriosamente copiados, eram distribuídos entre a população. Davam aulas também para ensinar as pessoas a lerem, escreverem e compreenderem as Escrituras. Estas aulas eram dadas secretamente e somente durante os tempos em que as autoridades toleravam os valdenses.

Os sacerdotes católicos faziam o possível para não permitir que seus membros frequentassem estas escolas. Mas a pior coisa é uma consciência pesada. Foi por isso que frequentemente assistiam às aulas nas escolas valdenses. Quando apanhados pelos líderes da igreja, normalmente renunciavam à fé católica, o que deixava os sacerdotes mais furiosos ainda.

Estes sacerdotes em diversas ocasiões tentaram mostrar às autoridades a necessidade que eles sentiam de acabar com estas escolas. Mas o homem não tem força suficiente para destruir a verdadeira fé em Deus, sendo por isso que estas escolinhas eram tão persistentes quanto as pragas que nascem nas hortas.

As Bíblias eram poucas e preciosas. Especialmente durante o inverno, Hubert passava muito tempo lendo a Bíblia que pertencia à família Fleming. Ele cuidava dela com todo carinho. Muitos versículos eram decorados, para depois serem ensinados aos outros. Havia pouquíssimos livros. Portanto, aqueles que havia deixavam impressões profundas em seus leitores, bem diferente dos dias de hoje, quando muitos livros são lidos e logo esquecidos. Às vezes as crianças se juntavam no sopé de uma montanha para recitar versículos da Bíblia.

O irmão de Perry Fleming, Hubert, era pastor na igreja dos valdenses. Ele animava os fiéis a aprenderem as Escrituras e a ajudar os outros a aprenderem também. Mas ele advertia:

“Não se julguem superiores aos outros se conseguirem aprender. Aprender é um dom de Deus. Se vocês

aprendem com facilidade, é porque Deus lhes deu este dom.

“Não sejam soberbos, porque ‘Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes’. O apóstolo também nos ensina que não devemos nos julgar sábios a nós mesmos. Ele pergunta: ‘E que tens tu que não tenhas recebido?’ ”

Com ensinamentos deste gênero, as crianças costumavam ser mansas, humildes e bem instruídas. No entanto, a natureza pecaminosa sempre está presente e se manifesta através das palavras e ações. Havia pais que achavam melhor parar de decorar versículos da Bíblia, para este conhecimento não tornar os filhos soberbos. Mas o pastor, bem como a maioria dos pais, valorizavam muito a Palavra de Deus e compreendiam sua importância no plano da salvação. Não queriam que seus filhos parassem de estudar.

O pastor explicou:

“Sendo que o homem não enxerga o interior do coração, é perigoso julgar os motivos de outrem. A Palavra de Deus, quando bem ensinada, conduz à humildade e não à soberba. Nossos filhos recitam o que aprendem na escola, por que não devem recitar aquilo que aprendem da Palavra de Deus? Se houver orgulho no coração, logo se manifestará nas palavras ou nas ações. É melhor que tal espírito de orgulho se manifeste abertamente, para poder ajudar a pessoa, em vez de ficar escondido, e ela se afastar de Deus.”

Um dia na escola, um dos meninos começou a contar vantagem sobre seu conhecimento da Bíblia. O professor ouviu e repreendeu o aluno severamente. Citou da Bíblia: “Se alguém pensa saber alguma coisa, ainda não sabe como convém saber” (1 Coríntios 8:2).

No dia seguinte ele disse a seus alunos:

— O simples fato de alguém fazer determinada coisa com segundas intenções, não quer dizer que aquilo em